

SIMPÓSIO AT009

UM CONVITE À LITERATURA INFANTIL: PRÁTICAS PARA A MEDIÇÃO DE LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

ROMANO, Patrícia A. Beraldo
Prof. Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
paromano@unifesspa.edu.br

FERNANDES, Francisca Cláudia Borges
Mestranda em Letras acadêmico, Universidade Federal do Sul e
Sudeste do Pará
claudiabf395@gmail.com

Resumo: Esta comunicação nasceu de um trabalho apresentado para à disciplina Tópicos Especiais em Literatura II: Literatura Infantojuvenil e a formação do leitor no século XXI, no curso de Mestrado em Letras da UNIFESSPA, em Marabá/PA. Um dos itens da disciplina propunha a discussão sobre Literatura Infantil e o papel do mediador para fazer o elo entre o leitor e os livros. Partimos de um breve histórico sobre a formação da criança leitora, que perpassa por Monteiro Lobato, cotejando obras de autores renomados e premiados tais como: Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Se ler e contar histórias contribuem para apropriação das obras literárias e dos textos orais, propomos investigar o papel do mediador no processo de formação do leitor no contato das vivências literárias junto às crianças. Escolhemos textos de autores que, de maneira autônoma, dão voz, cor, cheiro, textura para uma leitura, com fruição da arte estético-literária, acompanhados de imagens que ilustram o texto e nos remetem ao contexto da linguagem verbal e não-verbal, tão importante de ser explorada na Educação Básica. Os resultados de nosso trabalho convergem para uma mediação que apresente, ludicamente, obras literárias ao leitor do século XXI, bem como, a performance do mediador e contador de história contemporâneo. Nosso referencial teórico se baseia em Benjamin (2012), Formiga (2009), Lajolo (2017), Busatto (2011), Sisto (2012), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Monteiro Lobato; contação de história; mediador.

Abstract: The origin of this communication is a paper presented at the Special Topics in Literature II: Children's and Youth Literature and the XXI century reader's formation, a subject from UNIFESSPA's Literature Master Degree, in Marabá / PA. One of the course proposals was to discuss on Children's Literature and the role of the mediator to make the link between the reader and the books. Therefore, we begin the discussion from a brief historical formation of the reading child, which pass through Monteiro Lobato, comparing works by renowned and award-winning authors such as Ana Maria Machado and Ruth Rocha. Considering that reading and storytelling contribute to appropriation of literary works and oral texts, we propose to investigate the mediator's role in the process of reader formation in the contact of literary experiences with children. We choose texts from authors who, in an autonomous way, provide voice, color, smell and texture for a reading, with the fruition of the aesthetic-literary art,

accompanied by images that illustrate the text and refer us to the context of verbal and non-verbal language, so important to be explored in Elementary Education. The results of our work converge for a mediation that presents literary works to the 21st-century reader in a fun way, as well as the performance of the mediator and the accountant of contemporary story. Our theoretical framework is based on Benjamin (2012), Formiga (2009), Lajolo (2017), Busatto (2011), Sisto (2012), among others.

Keywords: Children's literature; Monteiro Lobato; storytelling; mediator.

Há muito tempo atrás...

Quando crianças, nosso desejo, era o de nos tornarmos personagens das histórias que eram lidas ou contadas. Hoje, as crianças podem habitar o mundo fantástico interativo na tela do computador e/ou do smartphone. O ouvir ou ler uma história envolvente possibilita aos pequenos leitores e ouvintes, a vivência de personagens e elaboração de possíveis conflitos internos. Assim, independentemente do suporte em que as histórias estejam dispostas, sempre estarão vivas, enquanto tiver pessoas prontas para ler, contar e ouvir tais narrativas inerentes a nossa essência.

A literatura infantil representa a manifestação de sonhos, desejos, medos, transformações de ordem social e psicológica. Cada época e lugar, possui suas particularidades e transformações na definição dessa forma de narrativa voltada ao público infantil e juvenil. Portanto, conhecer a Literatura de cada época produziu para suas crianças é descortinar os valores da Sociedade. “A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/ impossível realização...” (COELHO, 1991, p. 24)

Para Gregorin Filho (2009, p. 10) o adjetivo “infantil” não é utilizado para fazer referência a uma literatura menor, assim, muitos autores e estudiosos são levados a criar novas terminologias para designá-la; trata-se do público virtual leitores de texto literário construído por uma linguagem híbrida, formada de texto verbal com textos visuais.

Nesse sentido, pretende-se abordar um breve histórico sobre a formação da criança leitora que perpassa por Monteiro Lobato e outras obras de autores renomados e premiados tais como: Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Se ler e

contar histórias contribui para apropriação das obras literárias e dos textos orais, propomos investigar o papel do mediador no processo de formação do leitor no contato das vivências literárias junto às crianças. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1999, p. 11)

Quem não gosta de ouvir histórias? Tanto crianças, como adultos ou mesmo idosos apreciam uma boa história. Ouvir e contar histórias é da natureza humana. A literatura tradicional oral, entendida como popular, adapta o conflito ao ouvinte, um momento democrático de interação. Cada indivíduo é livre para criar suas paisagens internas, suas imagens, rememorar suas recordações. A história ouvida é o primeiro livro que se instala na memória do sujeito.

Mesmo na modernidade líquida proposta por Bauman (2001), das relações fluidas, em que o tempo é cada vez mais escasso, a narrativa sobrevive e se faz presente em outros suportes. Essa arte, através das palavras, persiste e encontra novos caminhos. Nessa perspectiva, o leitor do século XXI, tem ao seu alcance o mundo interativo e midiático do ciberespaço, com várias plataformas, aplicativos e redes sociais.

Para a realização da proposta de investigação foi realizada, em um primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica, que revisitou os pressupostos teóricos acerca da literatura infantojuvenil de as suas origens até os dias atuais. Para tanto, os principais estudiosos do assunto, como: Lajolo & Zilberman (2012), Coelho (1991), Formiga (2009), Gregorin Filho (2009) serviram de embasamento para a pesquisa. Também foram revisitados os papéis do narrador, conforme Benjamin (2012), e o do mediador e contador de histórias contemporâneo na promoção da leitura, dentre outros.

1. Um breve histórico da literatura infantojuvenil no Brasil

As histórias estão arraigadas na sociedade desde a antiguidade. O homem tem a necessidade de comunicar-se e viver e grupos e arte de contar narrativas, tornou-se cada vez mais envolvente e indispensável para a

comunidade. Os contadores de histórias atravessam o tempo, seja para contar as façanhas de heróis, seja para dar explicações para situações da vida, através de lendas e/ou mitos.

O primeiro encontro da criança com o texto é através da oralidade, momento de estar junto com os familiares. A voz e os gestos, da mãe e/ou do pai dar corpo ao texto, as ilustrações e as cores aguçam os sentidos do pequeno leitor. São os primeiros passos para o mundo fantástico que embala as noites de sono. Para Lajolo (2017) a literatura nasceu quando começou a era do livro. Antes, era a poesia, o gesto, a voz, o corpo, etc.

Para autora, do Códice¹ romano ao livro moderno, iniciado com a invenção da prensa mecânica de Johannes Gutenberg, em meados do século XV, poucas mudanças se registraram. Para muitos estudiosos, a literatura infantil se consolidou a partir do século XVII, quando surgiram os primeiros livros infantis, período da reorganização do ensino e do estabelecimento do sistema de educação, aos moldes da burguesia, classe em ascensão. Na França, durante o reinado de Luís XIV, surge a preocupação com uma literatura voltada para crianças e jovens destacando-se *Fábulas de La Fontaine* e o *Os contos da mãe ganso* de Charles Perrault, dentre outros.

Mas essa literatura que vem da oralidade desde a antiguidade clássica, valoriza a imaginação e tem intenção com propósito didático e moralizante. A criança era vista como a miniatura do adulto, portanto, a obra literária servia para doutrinar um modelo de comportamento. O livro bom era aquele que instruía as crianças e jovens para os padrões e condutas da sociedade.

O livro infantil está relacionado ao surgimento do conceito de infância. Todavia, a noção de criança não foi sempre a mesma. De acordo com Zilberman (2003, p. 15) “Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII, pois antes disso, não se escrevia para elas, porque não existe a infância”.

¹ Conjunto de manuscritos registrados em pergaminhos do século I d. C.

Na idade média, as crianças eram vistas pelos olhos dos adultos e assim, instruídas para viver em comunidade e incorporar ofícios de convivência social. Tanto os adultos quanto as crianças ouviam as narrativas que traziam ensinamentos baseado no sobrenatural, dicotomia “divino e o demônio”.

Com passar do tempo, a noção de infância foi separada da vida adulta. Surgindo então, a Literatura dita infantil. Zilberman (2003) afirma que a concepção de faixa etária diferenciada, com suas peculiaridades e formação específica só aconteceram em meados da Idade Moderna.

Para Formiga (2009, p. 179) “Capital, preço, lucro e mercado são palavras de ordem na indústria mercadológica editorial. Não se pode ignorar o princípio de que o livro é uma mercadoria industrializada [...]”. Monteiro Lobato foi o precursor da literatura infantil no Brasil, que inovou na escrita, rompendo com teor moralizante e pedagógico dos livros infantis de até então. Além disso, foi um visionário ao ampliar o mercado de livro, através dos pontos de venda do produto, consolidando, assim, a ideia do livro como mercadoria.

De fato, não há distinção entre a literatura infantil e literatura adulta quanto aos temas, já que, os valores discutidos são valores humanos.

“O que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais; percebe-se também que os temas não diferem dos temas presentes em outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo. Isso também parece bastante claro, pois os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas.” (GREGORIN FILHO, 2009, p. 15)

Hoje, a literatura infantil não se presta apenas ao pedagógico ou ao teor moralizante da imposição de valores, mas ao lúdico e ao caráter catártico e libertador que prepara o indivíduo para um mundo cheio de diversidade.

2. Contando história: formando leitores

Ao discorrer sobre típicos narradores, Benjamin (2012) apresenta o camponês sedentário e o comerciante medieval. O primeiro alude à transmissão de narrativas do passado que são travessias do tempo, enquanto o outro representa aquele que traz histórias ouvidas e vividas em viagens, travessias do espaço.

Na contemporaneidade, o narrador ampliou suas fronteiras e horizonte de possibilidades, ganhando outros espaços como os de teatros, bibliotecas, escolas e as mídias digitais.

2.1. Mediadores de leitura: promoção do livro e incentivo à leitura

Quando lemos, criamos um vínculo triplo entre o escritor, o leitor e as personagens. Seres fictícios tão humanos, quanto quem escreve ou quem lê. Como disse Freire (1999), basta “ler o mundo”, como quem lê uma narrativa ou um poema e se abre para a experiência.

O sujeito leitor é atravessado pela palavra e pelo mundo. Em algum momento, o texto, estremece o leitor, convoca os sentidos entre o corpo de quem lê e corpo do texto. Para tanto, o mediador de leitura, conhece o seu público e respeita as diferentes formas de leitura, de acordo com a faixa etária e com as vivências de cada indivíduo.

Em várias obras ficcionais, percebemos o papel do contador de histórias e/ou mediador de leitura, em especial, destacamos a figura de Dona Benta, personagem lobatiana, que no *Sítio do Pica Pau Amarelo*, promove o encontro entre os livros e o leitor, cria um espaço de encantamento.

3. De narradoras a escritoras: Ana Maria Machado e Ruth Rocha

O narrador que conta a partir de sua subjetividade, tem caráter individual e ao mesmo tempo coletivo, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e da comunidade a qual pertence.

O narrador e ouvinte cúmplice, em uma relação dialógica, assim como, Sherazade que tecia histórias, toda noite, para manter-se viva e poupar outras

vidas, conquistou o interesse do Rei Sharyar, que por sua vez, conduzido pelo fio da história, curou-se através do poder das palavras.

E vieram as histórias de mundo imaginário, uma fonte inesgotável. Essas narrativas que passaram de boca em boca, que alimentam a alma e revigoram o poder criativo do tecelão das palavras. Da oralidade para a escrita, da voz e gestos dos narradores, agora, eternizada nas páginas dos livros e, mais recentemente, no ciberespaço.

Partindo de uma concepção Lobatiana, as escritoras Ana Maria Machado e Ruth Rocha, seguem esse percurso literário e agregam novas percepções do mundo da criança na escrita. “[...] Escrevendo seu texto, o escrevente adota uma linguagem de criança de peito: imperativa, automática, sem afeto, pequena de debandada de cliques [...]” (BARTHES, 2017, p.09)

Pensar o papel da palavra, nas obras literárias de Ana Maria Machado e Ruth Rocha, é pensar a leitura enquanto experiência que aguça os sentidos provoca a transformação do sujeito. A escrita como espaço de metamorfose, um espaço aberto entre o leitor e o escritor.

5. Degustando as obras da literatura infanto-juvenil

Partindo do pressuposto que, leitura é algo para ser prazeroso e pode ser devorado e não visto como uma mera obrigação, Monteiro Lobato propõe a invenção do "livro comestível", em *A reforma da natureza*, através das travessuras da boneca Emília.

Acreditando que o caminho da formação de um leitor perpassa pelos momentos de ouvir histórias, mesmo nas sociedades contemporâneas, que tem a sua disposição desde o livro de papel e livro digital até interativo mundo digital, a proposta do grupo foi propiciar uma atmosfera de encantamento, êxtase e reflexão. Em outras palavras, uma intervenção com a prática de contação de histórias, com leitura em voz alta de bons textos literários para crianças, jovens, professores, que atuam nas mais diferentes propostas.

Considerações finais

Quando o livro se abre, as histórias saltam das páginas. Ler é atrativo e divertido. São livros cheios de cores, imagens e textos. Tudo isso acompanhado do poder de interpretação do mediador e/ou contador de histórias, que dá voz às personagens e abre caminhos para o mundo da ficção, arrebatando o leitor e/ou ouvinte para um estado de euforia e catarse.

Ler Ana Maria Machado e Ruth Rocha é adentrar em uma escrita universal, mas ao mesmo tempo, brasileira, que apresenta o cotidiano das crianças de forma divertida e sem formalidades ou moralismos. É uma literatura que não padece dos livros francamente pedagógicos. As autoras exploram em seus livros a musicalidade, os versos, as fábulas e os contos de forma moderna e autêntica. Seu grande inspirador foi Monteiro Lobato, que também viveu a escrever e a inventar histórias para o público infantil.

Diante da contemporaneidade, em que as relações sociais, os valores e as instituições são fluidos e imediatos, o educador é convidado a refletir e reformular suas práticas, pensando um novo modelo de leitor e leitura que pressupõe a valorização da oralidade, a escrita e as plataformas digitais.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 5ª edição. São Paulo: Moderna, 1991.

FORMIGA, Girleene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 2009.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira; uma nova/ outra história.** Curitiba: PUCPress, 2017.

LOBATO, Monteiro. **A reforma da natureza.** São Paulo: Globo, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Ana Maria & Rocha, Ruth. **Contando histórias, formando leitores.** Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2011.

PENNAC, Daniel. Tradução de WERNECK, Leny. **Como um romance.** Rocco: Rio de Janeiro, 1993.

ROLAND, Barthes. **O prazer do texto.** Tradução de Jaco Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3. Ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo: Global, 2003.